



ISSN 1807-2550

***Paleontologia
em Destaque***

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Ano 26 nº 64

Marco/2011

PALEO 2010
Resumos

MARCAS E PERFURAÇÕES DE ORIGEM BIOGÊNICA EM FÓSSEIS DA CENOZONA DE MAMMALIAMORPHA – EVIDÊNCIAS PALEOECOLÓGICAS DO TRIÁSSICO SUPERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

VOLTAIRE DUTRA PAES NETO, MARINA BENTO SOARES & CESAR LEANDRO SCHULTZ

Depto. Paleontologia e Estratigrafia, IG/UFRGS, RS, voltairearts@gmail.com; marina.soares@ufrgs.br, cesar.schultz@ufrgs.br

Diversos fatores mecânicos, ambientais, biológicos e químicos podem causar alterações em fósseis. Alterações originadas antes de processos de fossilização podem conter informações importantes tanto sobre a história *post mortem* destes organismos quanto sobre o comportamento e as interações tróficas das comunidades a qual estes pertenciam. Foram reconhecidas perfurações ovóides dentre outras marcas de origem biogênica em fragmentos de partes de cintura em um possível arcossauromorfo (UFRGS-PV1181T) coletado no município de Candelária, no afloramento Sesmaria do Pinhal 2 da Formação Caturrita (Triássico Superior), relacionado à Cenozona Mammaliamorpha. O material encontra-se totalmente desarticulado e muito fragmentado. Foram identificadas partes de cinturas, gastrálias, costelas e uma falange ungueal. A fim de diagnosticar os icnofósseis encontrados, foram feitos moldes das perfurações e dos arranhões em borracha de silicone, além de medidas das mesmas com um paquímetro eletrônico. Diversas perfurações apresentam forma elíptica com eixo menor de até 2,2 mm e o eixo maior de até 5,5 mm, que se distinguem quanto à profundidade, quais sejam: 2 perfurações ovóides que atingem a parte medular dos fósseis, 3 perfurações ovóides superficiais, 2 perfurações ovóides tubulares com profundidade superior a 4mm. O tamanho padronizado e a morfologia das perfurações indicam a atividade de insetos dermestídeos (Coleoptera, Dermestidae) que apresentam padrão compatível, sendo este o segundo mais antigo registro icnofóssil para o grupo. Outras duas perfurações com diâmetro maior que 5 mm, entretanto, exibem padrão distinto das anteriores. Uma destas, superficial e com borda irregular, e a outra atingindo a porção interna do osso com a presença de ranhuras em suas bordas. Tais perfurações foram interpretadas como possíveis marcas de predação ou necrofagia de vertebrados, aspecto este corroborado pela alta fragmentação dos fósseis, com superfícies de fraturamento pontiagudas e irregulares, a qual não está relacionada a quebras durante transporte hidráulico. Estes icnofósseis, em seu conjunto, evidenciam novas informações sobre as relações tróficas entre os componentes da fauna da Cenozona de Mammaliamorpha.

PALEOECOLOGIA DO AMBIENTE AQUÁTICO PRÓGLACIAL DO VARVITO DE ITU (NEOCARBONÍFERO, SUBGRUPO ITARARÉ)

VICTOR CEZAR SOFICIER-BADARÓ

Universidade São Judas Tadeu – São Paulo, soficier@hotmail.com

FELIPE VAN ENCK MEIRA

Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, fvemeira@gmail.com

SOFIA GASPARI CANELA; SARA ARAUJO PEREIRA, PAULO FERNANDES ROBERTO

Universidade São Judas Tadeu – São Paulo, sofia.gaspari@yahoo.com.br; bruxasap@hotmail.com;

plutao_olimpico@hotmail.com

THOMAS RICH FAIRCHILD

Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, trfairch@hotmail.com

Em Itu (SP), afloram ritmitos (“varvitos”) de arenito fino/siltito com siltito/argilito, no Parque do Varvito. Esses ritmitos pertencem ao Subgrupo Itararé (Bacia do Paraná), e foram datados, com base em palinomorfos, do Neocarbonífero. O paleoambiente deposicional foi um corpo de água amplo, próximo de geleiras. A assembléia fóssil encontrada inclui icnofósseis e palinomorfos (esporos, pólen, microalgas e acritarcos). Os icnofósseis foram identificados como *Isopodichnus* e *Diplichnites*, que assinalam atividades de artrópodes bentônicos, possivelmente notostracos. O presente trabalho investigou aspectos ecológicos do paleoambiente do varvito, com base na distribuição e freqüência dos icnofósseis nas duas litologias. Para isso, foram estabelecidas duas quadras separadas estratigráficamente por 2,5 cm de rocha, sendo uma em arenito fino/siltito e outra em siltito/argilito. Cada quadra, com 1600 cm², foi dividida em quatro quadrantes de 400 cm². Obteve-se freqüência

média de 9,5 icnofósseis a cada 400 cm² na fácie de arenito fino/siltito e de 10 icnofósseis a cada 400 cm² na fácie siltito/argilito. Na fácie siltito/argilito, ambos icnogêneros foram encontrados, sendo *Diplichnites* menos abundante que *Isopodichnus*. Na fácie arenito fino/siltito apenas *Isopodichnus* foi encontrado. A largura variou de 2 a 10 mm para *Isopodichnus* e de 8 a 10 mm para *Diplichnites*. Diante do exposto, sugere-se que *Isopodichnus* foi feito por habitantes perenes do corpo d'água, enquanto *Diplichnites* representa animais que chegavam à região com um tamanho pré-definido e que faziam parte da fauna apenas durante o inverno.

**AÇÃO DE CANÍDEOS SOBRE RESTOS ÓSSEOS DE MASTODONTES
(MAMMALIA: GOMPHOTERIIDAE) DO QUATERNÁRIO DE ÁGUAS DE ARAXÁ,
MINAS GERAIS, BRASIL**

VICTOR HUGO DOMINATO*, DIMILA MOTHÉ**, LEONARDO DOS SANTOS AVILLA

Laboratório de Mastozoologia, Departamento de Zoologia, UNIRIO, RJ, victordominato@hotmail.com;
dimothe@hotmail.com; mastozoologiaunirio@yahoo.com.br

RAFAEL COSTA DA SILVA

Divisão de Paleontologia, Departamento de Geologia, Serviço Geológico do Brasil- CPRM, RJ,
rcsilva@rj.cprm.gov.br; paleoicno@yahoo.com.br

Diversos grupos de carnívoros atuam como predadores e carniceiros oportunistas. Desta forma, registros de marcas associadas a carnívoros em restos de presas são bastante comuns até os dias atuais. Neste estudo reconheceram-se diferentes marcas em ossos longos do mastodonte *Haplomastodon waringi* da assembléia fossilífera de Águas de Araxá. Essas marcas são associadas a mamíferos predadores-necrófagos e tiveram seus padrões morfológicos reconhecidos segundo critérios descritos na literatura. Reconheceram-se perfurações, puncturas e arranhões presentes na região das epífises e diáfise proximal. Essas marcas não apresentam distribuição isolada ou aleatória, descartando-se a hipótese das mesmas terem sido produzidas por agentes tafonômicos. A ação de artefatos humanos também é descartada, pois as marcas encontradas não seguem o padrão observado na literatura sobre marcas antrópicas. Analisando os danos de ursídeos, felídeos e canídeos observa-se que, ao consumirem suas presas, estes geram perfurações e puncturas. Já a presença de arranhões é característica de canídeos, devido ao seu hábito de mordiscar o osso. Dentre os canídeos pleistocênicos sul-americanos registrados, o principal candidato capaz de produzir essas marcas seria *Protocyon troglodytes*. Esse canídeo é registrado em diversos estados brasileiros, como Minas Gerais, sendo um dos únicos com porte suficiente para produzir os danos reconhecidos. Entretanto, estudos a respeito de predação por canídeos a populações de proboscídeos são desconhecidos na América do Sul. Contudo, o fato de atuarem como necrófagos não é incomum, dependendo apenas da oferta de alimento. Estudos prévios demonstraram que a tafocenose de mastodontes de Araxá é produto de um evento catastrófico de mortandade em massa associado a um período de seca e escassez de recursos. A partir desse evento, teria ocorrido o acúmulo de carcaças em um único lugar. Com isso, a necrofagia teria sido estimulada entre esses predadores, sendo este um hábito alimentar comum entre carnívoros, especialmente hipercarnívoros. Este estudo faz parte das contribuições do Laboratório de Mastozoologia da UNIRIO que registra pela primeira vez a relação entre canídeos e mastodontes durante o Pleistoceno sul-americano e estimulou o desenvolvimento de estudos similares para outras localidades brasileiras.

[*Bolsista CPRM; **Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) - Museu Nacional/UFRJ e Bolsista CNPq]

**A AÇÃO DE CARNÍVOROS PREDADORES EM RESTOS DE SUAS PRESAS
RECUPERADOS DA GRUTA DOS MOURA, QUATERNÁRIO DE AURORA,
TOCANTINS, NORTE DO BRASIL**

VICTOR HUGO DOMINATO* & LEONARDO DOS SANTOS AVILLA

Laboratório de Mastozoologia, Departamento de Zoologia, UNIRIO, RJ, victordominato@hotmail.com;
mastozoologiaunirio@yahoo.com.br

HERMÍNIO ISMAEL DE ARAÚJO JÚNIOR**